

Laboratório de aprendizagem: espaço de superação

Valéria Carvalho de Leão

Resumo

Este artigo contempla algumas reflexões sobre o trabalho nos laboratórios de aprendizagem inserido nos espaços escolares, entendendo-o como um espaço de superação, destacando sua estreita relação com o projeto pedagógico da escola, bem como sua parceria com o cotidiano da sala de aula.

Palavras-chave: Laboratório, aprendizagem, escola, sala de aula.

“ A escola é um lugar onde o aluno progride:

- com a ajuda dos colegas, através de suas relações com seus iguais, ele toma conhecimento dos outros `na escola`;

- através de suas relações com pessoas que são um pouco superiores a eles: os professores e todos os outros adultos que contribuem para o funcionamento do estabelecimento;

- através de suas relações com realidades elevadíssimas: as grandes obras e seus criadores, aos quais os professores servem essencialmente de intermediários.

A escola é conteúdo e relações específicas: é preciso encontrar prazer em ambos para atingir a alegria.” (Snyders, 1993, p. 69)

Pensando na multiplicidade de trocas que o aluno pode desenvolver com seus pares, na intervenção necessária do professor como elemento que apresenta de forma desafiadora o conhecimento universal e, na busca de ambos pela alegria no processo de ensinar-aprender-ensinar, é que gostaria de começar a refletir sobre o tema: laboratório de aprendizagem.

Antes de pensar os laboratórios, é essencial pensar a escola. Nesse sentido, é importante conceber essa instituição como um lugar que busca encontrar prazer nas relações entre o aprender e o ensinar, entre as pessoas e a especificidade dos conteúdos. Assim, vale ressaltar que a escola não pode e não deve depender de um espaço, aqui chamado laboratório, como o único que certamente irá trabalhar e resolver as dificuldades apresentadas pelos alunos. Por quê? Porque compreender os problemas que envolvem a aprendizagem não significa pensar somente sobre o que é normal ou patológico no contexto do aprender e do não-aprender. E preciso antes de tudo refletir “ ... sobre o que é pertinente ao fracasso escolar e o que é parte sintomática das dificuldades de aprendizagem. Investigar, diagnosticar, entender os meandros que cercam o sujeito e sua construção aprendente é uma tarefa complexa.” (Leonço, 1998, p.335)

A escola, para cultivar a presença de um espaço de aprendizagem como deve ser entendido o laboratório, precisa perguntar-se entre outras coisas, sobre:

- ❖ Qual é seu projeto pedagógico?
- ❖ Como é visto o fracasso do aluno?
- ❖ Como o professor concebe o processo de aprendizagem de seu aluno?
- ❖ Quais os fatores que interferem no sucesso do processo de ensino e aprendizagem?

Esse questionamento torna-se necessário tendo em vista que, “... na maioria das vezes é a tendência à patologia que se estabelece numa situação de aprendizagem quando, na verdade, o problema é de *ensinagem*”.(Leonço, 1998, p. 336).

Assim, poder pensar a intervenção num processo escolar que determine a construção saudável da aprendizagem é não caracterizar a patologia da dificuldade no aprender, mas, sim, criar alternativas de resgate do desejo desse sujeito, oportunizando compreendê-lo dentro do processo, não o estigmatizando ou afastando-o.

Dessa forma, acredito que os laboratórios são espaços de pesquisa e ressignificações que detém um ritmo e um tempo diferenciado da sala de aula. Não se pode pensar em exercer sobre seus responsáveis a idéia de “curar”, “adequar” alunos ao processo ou ao ciclo. O trabalho no laboratório *não reforça aprendizagens*, não treina conceitos, não faz cópias. É, sim, um fazer onde o educador responsável busca conhecer as interferências na aprendizagem. Certamente esta atividade só será possível, se todas as forças da escola colaborem. Portanto, a parceria com o serviço pedagógico na instituição é essencial. Acredito ser tanto o orientador educacional, como o supervisor escolar, elos de ligação entre o professor que atua cotidianamente com os alunos e os educadores que atuam no laboratório. Como? Sendo parceiros na assessoria, levando para a sala de aula as interferências obtidas nas pesquisas e as metodologias construídas a partir do trabalho desenvolvido no laboratório de aprendizagem.

Caberá então ao serviço de orientação educacional, acolher individual ou coletivamente os alunos com vistas a desenvolver um projeto sistemático de trabalho que propicie aos mesmos, um suporte às suas questões educacionais (sala de aula) e sócio-afetivas, construindo as entrevistas que constituirão a história de vida destes e as relações desta com a aprendizagem, conseqüentemente, construídas junto à família, desencadeando paralelamente uma assessoria junto aos pais e aos professores.

Já supervisor escolar, frente à parceria estabelecida com o trabalho dos laboratórios, desenvolverá um espaço de mediação entre a organização dos conteúdos, o fazer do professor e as reais necessidades dos alunos, construindo planos pedagógicos diferenciados.

O laboratório faz parte de um todo na escola, não se caracterizando como uma “sala de milagres” ou “sala de reforço”, mas apresentando-se como um espaço onde será depositado o esforço para alcançar as grandes transformações na ação

pedagógica. Esse espaço de investigação e inovação torna-se uma extensão da sala de aula tendo como meta atender tanto ao aluno, como fornecer subsídios às estratégias didáticas do professor. É aqui que iremos pensar nos alunos que apresentam lacunas, defasagens, comprometimentos no campo da aprendizagem, apostando, antes de qualquer coisa, nas suas possibilidades de superação. São crianças e adolescentes que não se enquadram na metodologia destacada em sala de aula e, quase sempre, apresentam um diagnóstico operatório aquém do que naturalmente se esperaria, isto é, uma organização mental pouco estruturada, com dificuldades nos processos simbólicos.

Laboratório de Aprendizagem e Sala de Aula: Espaços de Desafio

Para que esse espaço seja realmente saudável, é preciso acabar com a dicotomia sala de aula x laboratório onde um representa o “ fazer enfadonho” e o outro o “ fazer gostoso”. Esses dois momentos necessitam ser extensivos um ao outro. O lúdico, que perpassa ambos (sala de aula e laboratório), deve ser visto como alguma coisa que ampara o que é necessário para aprender, que traz para o cenário da aprendizagem a criatividade, combustível do conhecimento. A idéia é que esse conhecimento se edifique a partir de uma forte interação do sujeito com o seu meio, seja esse a comunidade, a família, a instituição, o laboratório ou a sala de aula.

Nessa expectativa, convido-os a refletirem sobre algumas questões que permeiam essas ações, através do esquema abaixo:

Sala de aula: espaço de aprender e de ensinar

- ❖ Aprender e ensinar: desafio constante.
- ❖ Pesquisar.

- ❖ Conhecer o processo de aprendizagem tanto do aluno como do professor através:
 - Da investigação da história vital do aluno (olhar investigativo do professor).
 - Do referencial teórico que sustenta a abordagem didático-metodológica do professor.
 - Buscar a equilíbrio através do desafio cognitivo.
- ❖ Prevenir.
- ❖ Elaborar estratégias didáticas adequadas.

Laboratório: espaço de pesquisa e ressignificação

- ❖ Pensar e trabalhar a causa e não somente o sintoma.
- ❖ Não é espaço de reforço. É um espaço de superação.
- ❖ É o lugar para todos aprenderem a lidar com suas lacunas: professor e aluno.
- ❖ A condição do ensinante e do aprendente altera-se a todo o momento.
- ❖ Fonte de subsídio teórico-prático para o professor.

Considerar então que as descobertas trabalhadas no laboratório de aprendizagem são extensivas à sala de aula, é destacar alguns pontos importantes envolvidos nesse processo de investigação/intervenção que, necessitam ser considerados quando se oportuniza uma reflexão sobre o tema.

Dessa forma, o trabalho no laboratório de aprendizagem vai exigir do profissional que nele atuam, conhecimentos e posturas específicas no que se refere ao diagnóstico e a intervenção e uma atuação competente na expectativa de resgatar o vínculo com o conhecimento, com a escola, com o professor da sala de aula; intervindo nas ansiedades, medos, frustrações e conflitos frente aos novos desafios que certamente ele, aluno, deverá ser envolvido. O que fazer no laboratório de

aprendizagem, não se restringe a uma seqüência de jogos de regras, a um amontoado de desenhos e a um uso insano e sem sentido de material concreto. Sem um conhecimento profundo do aluno, dos fatores que naquele momento bloqueiam suas estruturas operatórias e o distanciam da aprendizagem, não será possível realizar um trabalho de resgate efetivo.

Trabalhar no espaço do laboratório de aprendizagem é necessariamente pensar em alguns tópicos essenciais, como:

Vínculo

É no aqui, no agora. É comigo. É bom, pois já tivemos outras experiências que fazem com que esses momentos sejam assim. Então, no espaço do laboratório é essencial:

- ❖ Trabalhar o mesmo como um espaço de confiança, lugar onde é permitido errar para acertar.
- ❖ Destacar que o profissional que nele atua deve saber que é, na maioria das vezes, o depositário das expectativas e frustrações do aluno e do professor, assim como é investido de outras imagens ensinantes.
- ❖ Fortalecer o vínculo de aprendizagem com o aluno, entendendo que para isso, é necessária uma aproximação criteriosa, dispensando num primeiro momento o trabalho com situações ameaçadoras.

Modalidade de aprendizagem

Para Paín (1986), é a maneira, a forma de desejar, possuir, aproximar-se do objeto do conhecimento, é um molde que se estrutura desde o nascimento e podemos caracterizá-la através de uma pesquisa da história de vida do sujeito, considerando:

- ❖ A imagem do mesmo como aprendente e a ação das figuras ensinantes.

- ❖ O vínculo com o objeto do conhecimento e a investigação dos mecanismos utilizados para indicar como aprendeu o que demonstra saber.(história vital, hora do jogo, caixa lúdica, etc.).
- ❖ As histórias de aprendizagem da família.
- ❖ A maneira de jogar.
- ❖ O entendimento do desequilíbrio cognitivo.

A partir desta leitura, o processo de intervenção se ocupará de:

- ❖ Referendar o desejo de aprender.
- ❖ Fazer um contrato de aprendizagem.
- ❖ Utilizar a mais absoluta franqueza com o aluno, o que chamo de “jogo limpo”.
- ❖ Explorar a criatividade nas mais diferentes atividades.
- ❖ Usar jogos simbólicos e jogos de regras.
- ❖ Utilizar o trabalho plástico e as técnicas expressivas.
- ❖ Resgatar o corpo na dramatização, na dança e na sensibilização.

Corpo

Faz parte, segundo Paín (1986), de um dos quatro níveis constitutivos do sujeito. Sendo assim, não é uma disposição nata, como o organismo. É uma construção. Requer a observação de como se dá a integração desse corpo com o ritmo, com o tempo. A atenção, o interesse, constitui a integridade corporal. É necessário ver esse corpo:

- ❖ No nível das coordenações;
- ❖ No nível dos afetos.

Isso aponta que o sujeito e seu corpo:

- ❖ Realizam coisas e transformam o exterior;

- ❖ São agentes de um efeito.

Desejo

Elemento constitutivo também, aponta que o desejo da criança estrutura-se a partir do encontro com o desejo do outro. Esse desejo se constitui num primeiro momento pela falta, pela ausência. Só se deseja o que não se tem. E toda a ausência tem de ser preenchida por algo. No caso que tratamos, o próprio conhecimento.

Lúdico

Momento em que os jogos trabalhados servem de material para análise, trazendo informações sobre como e porquê o aluno pensa em determinada hipótese, como reage frente a uma realidade nova, o que faz com as informações que assimila constantemente e, como joga com seu corpo.

Nesse espaço trabalhamos com as interferências (tirar conclusões a partir de premissas), com as deduções (relações entre as informações disponíveis), com a interpretação, com a cooperação, com o desafio, com a reversibilidade e o respeito às regras.

Sendo assim, a intervenção requer:

1. A proposição de tarefas desafiadoras, não impossíveis, adequadas ao grupo, ao número de componentes, ao tempo disponível.
2. Que o jogo trabalhe na perspectiva:
 - Do prazer funcional no sentido lúdico, na repetição como suporte para enfrentar as tarefas escolares;
 - Da criatividade, oportunizando a criação de convenções, fantasias e máscaras;

- Democrática de intercâmbio sociocultural, no assinalamento de regras e limites já determinados.

É o olhar diferenciado, a intervenção específica do professor do laboratório que vai dar a esses recursos a dimensão pretendida com relação ao sujeito da aprendizagem. O que ressalta o trabalho do educador nesse espaço é a possibilidade de assinalar ao sujeito suas próprias conquistas. Conquistas estas que nem sempre estarão ligadas ao conteúdo formalizado. Esse assinalamento torna-se possível quando a intervenção segue em consonância com o próprio diagnóstico, isto é, desprovida da intencionalidade da adequação, mas, sim, permeada de oportunidades para o sujeito re-significar seu processo de aprendizagem.

Trabalhar em um espaço que precisa rever constantemente os fracassos, as frustrações, as angústias, ocorridas no processo de aprendizagem e, que, de alguma forma determinaram a chegada do aluno até o laboratório de aprendizagem, requer que o profissional disponibilize uma grande capacidade afetiva, espírito de persistência e alta taxa de tolerância à frustração, buscando sistematicamente capacitar-se.

Reconheço a complexidade do tema e a responsabilidade da tarefa. Mas, acima de tudo, considero a intervenção oportunizada neste espaço diferenciado de aprendizagem como aquela que talvez detenha, em última instância, a possibilidade de resgatar de forma digna o sujeito do conhecimento que, por incontáveis ou desconhecidos motivos, pode estar oprimido em nossos alunos.

Abstract

This article contemplates some reflections on the work accomplished in the learning laboratories inserted in the school institutions, understand him as a surmountable space, highlighting your narrow relation with the pedagogical project of the school, as well as, your partnership with the everyday of the class room.

Key words: Laboratories, learning, school, class room.

Bibliografia

LEONÇO, Valéria Carvalho de. In: *Revista Ciências e Letras*. Porto Alegre: FAPA, n. 23/24, 1998.

PAIN, Sara. *Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

SNYDERS, George. *Alunos Felizes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.